

OS DESAFIOS DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA INFECÇÃO HOSPITALAR: uma revisão integrativa

Jacqueline Janielle da Silva Correia – Graduanda em Enfermagem, UMJ- Centro
Universitário Mario Pontes Jucá

Simone Souza Soares – Graduanda em Enfermagem, UMJ- Centro Universitário Mario
Pontes Jucá

Raquel Ferreira Lopes – Docente da UMJ- Centro Universitário Mario Pontes Jucá. Mestre
em enfermagem pela Universidade de Alagoas

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar na literatura científica as contribuições dos enfermeiros (as) para o controle da infecção hospitalar. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com busca nas bases de dados *on-line* Lilacs e BDENF. Os unitermos utilizados na busca foram infecção hospitalar; enfermagem e equipe de enfermagem, utilizando o operador booleano *AND*. Do total de pesquisas encontradas, 9 estavam de acordo com os critérios de inclusão e assim foram analisados no estudo. O período que contou com o maior número de publicações foi 2018 com 5, seguidos de 2016 e 2017 cada um com 3 publicações, 2019 com 2 e 2015 com 1. Com esses dados, é possível concluir que apesar de o tema ser bastante atual e ser relevante, há um déficit considerável em publicações sobre a temática. Observou-se com a pesquisa que os enfermeiros desempenham um papel imprescindível no processo de prevenção e controle de infecções, pois são os principais responsáveis por promover estratégias de educação em saúde, disseminação da técnica de higienização das mãos e de limpeza de equipamentos e em criar protocolos que podem ser usados nos hospitais.

Descritores Controle de Infecções; Infecção Hospitalar; Enfermagem.

ABSTRACT

The aim of this work was to analyze the contributions of nurses to the control of hospital infection in the scientific literature. For this purpose, an integrative literature review was carried out, with using in the Lilacs and BDENF online databases. The keywords used in the search were nosocomial infection; nursing and nursing staff, using the Boolean *AND* operator. Of the total works found, 9 met the inclusion criteria and were thus analyzed in the study. The period with the highest number of publications was 2018 with 5, followed by 2016 and 2017 each with 3 publications, 2019 with 2 and 2015 with 1. With these data, it is possible to conclude that despite the theme being quite current and relevant, there is a considerable deficit in publications on the subject. It was observed with the research that nurses play an essential role in the process of infection prevention and control, as they are primarily responsible for promoting health education strategies, dissemination of the technique of hand hygiene and cleaning of equipment and for creating protocols that can be used in hospitals.

Descriptors Infection Control; Hospital Infection; Nursing

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa foi os desafios da enfermagem frente à Infecção Hospitalar (IH). Ressalta-se, também, que a escolha do tema foi motivada

pela experiência das autoras desta pesquisa no estágio hospitalar, onde foi observado a existência de um grande número de pacientes acamados em hospitais, acometidos por vários tipos de bactérias adquiridas no próprio ambiente hospitalar, e tendo, em alguns casos a complicação de seu quadro clínico, evoluindo, muitas vezes, para um processo de sepse generalizada, fato que desperta a reflexão dos profissionais da área de saúde, por isso, o empenho para buscar os meios de resolutividade para prevenção da infecção hospitalar foi despertado em nós estudantes de enfermagem.

A IH pode ser definida como uma patologia que o paciente adquire após 48 horas de sua admissão em uma unidade hospitalar, sendo que ela é manifestada durante a sua internação ou após sua transferência para outra unidade. É muito frequente e grave esse problema de saúde pública que mobiliza ações tanto de toda a comunidade de profissionais que trabalham nos hospitais, como de pesquisas científicas e tecnológicas (ALCÂNTARA, 2016).

O problema das IH ainda requer um maior desafio para a saúde pública em todo o mundo. Infecções estas que podem prolongar o tempo de internação, conseqüentemente aumentando os custos hospitalares e as taxas de mortalidade, também podendo contribuir para o sofrimento vivenciado pelo paciente e seus familiares (ALBRECHT, 2008).

As infecções envolvidas com a assistência em saúde são essas adquiridas durante a prestação dos cuidados de saúde e representam um dos mais importantes problemas de saúde pública no mundo. A Organização Mundial de Saúde (OMS), com base em dados recentes, considera que 1,4 milhão de infecções ligadas à assistência em saúde ocorre a qualquer momento, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento (ALCÂNTARA, 2016).

Desde 2014, a OMS reporta a segurança do cuidado ao paciente como uma prioridade de saúde pública mundial. Para exemplificar isso, observa-se a criação de campanhas internacionais que visam melhorar a qualidade e segurança dos serviços prestados, envolvendo o paciente e seus familiares no processo do cuidar (ALCÂNTARA, 2016).

Esse órgão mundial afirma que a participação na tomada de decisões sobre o processo de tratamento da infecção hospitalar deve ser feita, também, em comum acordo entre o paciente e a família, obtendo grande importância no envolvimento do paciente junto à equipe de saúde. Ao se sentir parte integrante da equipe de saúde, o

paciente passa a compor o “time de saúde”, podendo assim contribuir com a segurança do seu próprio cuidado (ALCÂNTARA, 2016).

Entre as grandes dificuldades existentes no contexto do controle de IH, encontram-se aquelas relacionadas às necessidades de mudança de comportamento dos profissionais da saúde e mesmo dos usuários, o que ocorre através de um processo lento, já que exigem fundamentação prática, teórica e adoção de medidas de prevenção que levem à formação de novos hábitos pelos profissionais mobilizados por um compromisso com a vida e com a promoção da saúde (SKOWRONSKI, 2014).

O termo IH vem sendo substituído nos últimos anos pelo termo Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), no qual a prevenção e o controle das infecções passam a ser considerados para todos os locais onde se presta o cuidado e a assistência à saúde, inclusive o hospital (PADOVEZE, 2014).

No Brasil, a última portaria publicada pelo Ministério da Saúde referente à estruturação das comissões e serviços de controle de infecção, que reafirma a importância das iniciativas de combate e controle das infecções hospitalares, determina que todo hospital deve ter uma comissão de controle/combate à infecção hospitalar, composta por profissionais médicos, farmacêuticos e enfermeiros, além de membros executores que são o Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (TRANNIN, et al., 2016).

Na atualidade, as infecções hospitalares são um problema complexo e embora nos hospitais a enfermagem participe amplamente do enfrentamento deste problema de saúde coletiva, a produção científica da Enfermagem nacional nesse tema ainda é pequena em relação à dimensão do assunto. Acerca disto, pode-se afirmar ainda que as principais publicações brasileiras tratam acerca da legislação, ética versus Comissão de Controle de Infecção Hospitalar e são de caráter exploratório (RIBEIRO, 2010).

Diante do exposto, este estudo traz como questão norteadora: quais as contribuições da equipe de enfermagem para o controle da infecção hospitalar? O objetivo do estudo foi analisar na literatura científica as contribuições dos enfermeiros (as) para o controle da infecção hospitalar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica do tipo integrativa. A coleta dos dados foi realizada no período entre janeiro e abril de 2021. Foram utilizadas como fonte as bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Banco de dados em Enfermagem (BDENF).

Os descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados para selecionar as pesquisas foram: infecção hospitalar; enfermagem e equipe de enfermagem, utilizando o operador booleano *AND*.

Os critérios de inclusão adotados para selecionar as pesquisas utilizadas nesta revisão foram: artigos disponíveis na íntegra, que estivessem indexados nos bancos de dados selecionados, no idioma português e que contribuíssem para atingir ao objetivo proposto.

Como critério de exclusão foram adotados os seguintes: pesquisas publicadas há mais de 10 anos, duplicadas, teses, dissertações, trabalho de conclusão de curso, trabalhos duplicados nas bases de dados e revisões de literatura.

Após o levantamento desses artigos, foram obtidos os resumos de todos os estudos; em seguida, promoveu-se a leitura e avaliação da sua pertinência para esta revisão. Os artigos selecionados foram analisados e comentados, levando-se em conta a população-alvo e o desenho do estudo.

Quadro 1 - Percurso metodológico da pesquisa nas bases de dados, Bdenf e Lilacs, Maceió, 2021.

Critérios de inclusão						Critérios de exclusão		Amostra
Resultados	Disponível na íntegra	Artigo	Idiomas Português	Publicados entre 2015 e 2021	Relacionados com o tema	Duplicados	Revisões	Amostra
LILACS								
276	201	172	172	58	10	0	4	6
BDENF								
210	210	184	181	36	5	0	2	3

Fonte: as autoras, 2021.

RESULTADOS

Nesta revisão foram inseridos 9 artigos. No quadro 2 são apresentadas a revista na qual o artigo foi publicado, nome dos autores e título da pesquisa.

Os achados desta pesquisa de revisão integrativa apresentaram que em relação ao ano de publicação, o período que contou com o maior número de publicações foi 2018 com 5, seguidos de 2016 e 2017 cada um com 3 publicações, 2019 com 2 e 2015 com 1.

A pesquisa mostrou também que, o periódico com maior quantidade de publicações foi a Revista de Enfermagem da UERJ, com 3 publicações. Nas demais revistas houve apenas 1 publicação. Os achados também mostraram que todos os artigos foram publicados por enfermeiros.

Quadro 2 – Caracterização dos artigos da amostra quanto a base de dados, título, autores, revista e ano de publicação. Maceió, 2021.

BASE DE DADOS	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	REVISTA ANO DE PUBLICAÇÃO
LILACS	Jalecos de trabalhador de saúde: um potencial reservatório de microorganismos	OLIVEIRA; SILVA	Medicina 2015
LILACS	Adesão à higiene das mãos: intervenção e avaliação	TRANNIN <i>et al.</i>	Cogitare Enferm. 2016
LILACS	Adesão à higienização das mãos entre técnicos de enfermagem em um hospital universitário	OLIVEIRA <i>et al.</i>	Rev. enferm. UERJ 2016
LILACS	Monitoramento da adesão à higiene das mãos em uma unidade de terapia intensiva	SILVA <i>et al.</i>	Rev. enferm. UERJ 2018
LILACS	Avaliação microbiológica de superfícies em terapia intensiva: reflexões sobre as estratégias preventivas de infecções nosocomiais	GIL <i>et al.</i>	Rev. enferm. UERJ 2018
LILACS	Conhecimento de enfermeiros de hospital universitário sobre bactérias multirresistentes	ROCHA <i>et al.</i>	Rev Rene 2019
BDENF	Unidade para Portadores de Germes Multirresistentes: elaboração de um protocolo de atendimento de pacientes	MACEDO <i>et al.</i>	Rev. Enferm. Atual In Derme 2017
BDENF	Proposta de protocolo para descontaminação de equipamentos em unidade de terapia intensiva	MENDES; BRASILEIRO	Rev. enferm. Cent.-Oeste Min 2017
BDENF	Aderência de profissionais de saúde à higienização das mãos	RODRIGUEZ <i>et al.</i>	Rev. enferm. UFPE 2018

Fonte: as autoras, 2021.

Com relação aos principais resultados apresentados nos estudos, os achados mostraram que o uso de boas práticas de higiene é um fator preponderante para

diminuição do risco de propagação da infecção hospitalar, bem como é necessário a promoção de estratégias educativas para controlar a IH, como consta no quadro 3.

Quadro 3 – Caracterização dos artigos da amostra quanto aos objetivos e resultados. Maceió, 2021.

OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS APLICÁVEIS
Determinar as características epidemiológicas de microrganismos presentes nos jalecos de trabalhadores de saúde em um hospital de grande porte.	● Educação em saúde para o uso correto do jaleco
Observar a adesão à higiene das mãos por profissionais de saúde de um Serviço de Emergência de Hospital Universitário, no estado de São Paulo, e verificar se houve modificação na adesão após a realização de intervenção educativa, entre julho de 2012 e dezembro de 2013	● Estratégias educativas para adesão da higienização das mãos.
Monitorar a adesão dos técnicos de enfermagem à higienização das mãos e identificar os fatores determinantes para sua execução	● Estratégias educativas para adesão da higienização das mãos.
Caracterizar a adesão da prática de higienização das mãos pelos profissionais de saúde	● Estratégias educativas para adesão da higienização das mãos.
Determinar o perfil microbiológico de bactérias isoladas e identificadas nos leitos e bombas infusoras na unidade de terapia intensiva de um hospital universitário do Estado do Rio de Janeiro	● Educação permanente para o controle das infecções.
Identificar o conhecimento de enfermeiros de hospital de ensino universitário sobre bactérias multirresistentes	● Estratégias educativas.
Descrever a elaboração de um protocolo para o atendimento de pacientes portadores de Germes Multirresistentes (GMR) em uma unidade de internação	● Elaboração de protocolos
Analisar a contaminação de equipamentos em uma unidade de terapia intensiva antes e após a limpeza e desinfecção e propor um protocolo para descontaminação	● Elaboração de protocolos para desinfecção de descontaminação
Analisar a aderência à higienização das mãos de profissionais de saúde que prestam assistência oncológica e sua correlação com as variáveis categoria profissional, indicação, tipo de conduta e insumo utilizado.	● Estratégias educativas para adesão da higienização das mãos.

Fonte: as autoras, 2021.

DISCUSSÃO

São muitos os desafios encontrados para a prevenção da infecção em ambiente hospitalar, na amostra analisada identificou-se a necessidade de educação em saúde para uso correto dos jalecos, estratégias educativas sobre higienização das mãos e elaboração de protocolos a serem utilizados por profissionais de enfermagem.

O uso de jalecos em locais públicos como restaurantes, lanchonetes e ônibus é uma prática comum por trabalhadores de saúde, principalmente nas imediações dos

estabelecimentos de saúde, o que favorece a contaminação dos mesmos, aumentando o risco de infecções hospitalares. Faz-se necessário maior investimento em educação permanente para os profissionais de enfermagem, para melhorar a adesão a higienização das mãos, bem como o uso adequado dos jalecos e outros materiais com potencial de contaminação (OLIVEIRA; SILVA, 2015).

Essa afirmação dialoga com Trannin *et al.* (2016), quando destacam que após a intervenção de um protocolo utilizado para adesão a higienização das mãos, os profissionais apresentaram uma boa adesão na prática de higienizar as mãos antes e após a execução das suas atividades. Segundo as autoras na fase pós-intervenção todos os profissionais aderiram a prática, fato diferente do que acontecia no período pré-intervenção.

Com isso, as pesquisadoras concluíram que a prática de higienizar as mãos a partir das intervenções superou as suas expectativas e que as estratégias educativas utilizadas, medidas simples, porém essenciais, contribuíram para que isso fosse possível. A pesquisa mostrou, também que essa prática contribuiu para a diminuição da transmissão de patógenos, o que conseqüentemente influencia na diminuição da infecção hospitalar, diminuído assim a taxa de mortalidade dos pacientes (TRANNIN *et al.*, 2016).

Nessa mesma perspectiva, Oliveira *et al.* (2016), destacam a importância da adesão de práticas educativas para a higienização correta das mãos por parte dos profissionais da saúde, pois ela é uma estratégia que contribui para o controle da infecção hospitalar. Porém, essas pesquisadoras alertam para o fato de que nem todos os profissionais de saúde fazem uso dessa prática tão importante que salva vida.

Elas chegaram a essa conclusão quando monitoraram, em suas pesquisas, a adesão da prática de higienização das mãos por profissionais técnicos de enfermagem de um hospital universitário. O fato mais curioso apresentado pelas pesquisadoras é que mesmo esses profissionais terem relatados que têm conhecimentos da importância da higienização das mãos para o controle da infecção hospitalar, eles não fazem o uso correto (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Resultados semelhantes foram apresentados por Silva *et al.* (2018), pois na pesquisa desenvolvida por elas foi constatado que os profissionais de saúde no geral, no hospital alvo da pesquisa, apresentam uma baixa taxa do uso da higienização das mãos. Porém, ressalta-se que as autoras destacaram que uma categoria específica

de profissionais, a saber a dos enfermeiros, pois foi verificado que esses eram os profissionais que mais aderiam a prática de higienização nos pós-contato com o paciente.

A baixa adesão a prática da adesão da higienização das mãos por profissionais da saúde também foi verificada na pesquisa de Rodriguez *et al.* (2018) e por isso as autoras apresentam que esses resultados estão fora do que é recomendado pela organização Mundial da Saúde, sendo considerada como sofrível ou indesejável e por isso, essas pesquisadoras enfatizam a necessidade da criação de estratégias de ações relacionadas à educação em saúde que visem garantir uma assistência segura e de qualidade pelos profissionais de saúde.

Essas autoras apresentam, também, a necessidade de uma maior proatividade por parte das equipes responsáveis pelo controle da infecção hospitalar e a necessidade de que os hospitais disponham dos insumos necessários para que os procedimentos de higienização das mãos sejam realizados de forma eficiente. Além disso, as autoras recomendam que sejam aderidas, divulgadas e construídas estratégias que contribuam para que os profissionais de saúde façam uso da estratégia de higienização das mãos que, mesmo sendo um procedimento simples, segundo as autoras, são práticas que contribuem para salvar vidas (RODRIGUEZ, *et al.*, 2018).

No entanto, ressalta-se que para que a técnica de Higienização das mãos seja efetivada de fato é necessário que seja feita avaliação contínua da adesão a essa prática nos hospitais e que seja feita de forma contínua, para que assim possa garantir que as intervenções apresentadas nas pesquisas apresentem impactos positivos, bem como pode ser usado para mapear quais áreas profissionais necessitam de mais atenção para adotar essa prática (TRANNIN *et al.*, 2016).

Dentre as estratégias que podem ser adotadas nas instituições de saúde, destaca-se, também, as contribuições de Gil *et al.* (2018), quando colaboram com as pesquisas já mencionadas e enfatizam a importância da adoção da educação permanente como alternativa eficaz para o controle das infecções. Para chegar a essa conclusão as pesquisadoras fizeram uma pesquisa com o objetivo de identificar a presença de microrganismos nos leitos e bombas infusoras no Hospital Universitário do Estado do Rio de Janeiro.

Ao fazer esse levantamento, foi constatado uma grande prevalência de *Staphylococcus coagulase negativa* e por meio desses resultados, sugeriram a

necessidade de aumentar as discussões acerca da importância das questões de segurança hospitalar e enfatizaram que esse debate deve ser estendido para toda a equipe multiprofissional, não podendo ser restrito apenas para os enfermeiros. Assim, a educação permanente em saúde, segundo as pesquisadoras, é uma estratégia possível para contribuir com o controle de infecções hospitalares (GIL *et al.*, 2018).

As autoras citam ainda que incentivar a prática da higienização das mãos e do uso de Equipamentos de Proteção Individual como as luvas durante a manipulação de equipamentos nos hospitais são meios de promover uma boa educação em saúde. Ao revisitar as normas reguladoras da Agência Nacional de Vigilância em Saúde, essas pesquisadoras apresentam como deve ser feito o processo correto de higienização das mãos. Assim, elas citam 5 momentos: lavar as mãos antes de manter contato com os pacientes, quando forem realizar procedimentos asséptico, sem que for exposto a fluídos corporais, no fim da realização de cada procedimento e após ter contato com locais que estejam próximos aos pacientes (GIL *et al.*, 2018).

Já Rocha *et al.* (2019) além de apresentar a necessidade da incorporação e de investimentos para melhorias das estratégias de educação em saúde que incentivam a participação e o engajamento de todos os profissionais, essas pesquisadoras alertam para o fato de haver muitas instituições que não dão a tenção devida para essa prática, o que tem contribuído para grandes taxas de infecção em unidades hospitalares.

Além de estratégias de higienização das mãos e a necessidade da adoção de educação permanente em saúde, as pesquisas analisadas também apontaram para a importância da criação de protocolos de atendimento como recurso para controlar as infecções nos ambientes hospitalares. Esses achados estão presentes nas pesquisas de Macedo *et al.*, (2017) e Mendes e Brasileiro (2017).

A pesquisa de Macedo *et al.* (2017), por exemplo, que teve por objetivo “descrever a elaboração de um protocolo para o atendimento de pacientes portadores de Germes Multirresistentes (GMR) em uma unidade de internação”, apresentou a importância da adoção de um protocolo de cuidado em saúde para ser utilizado por todos os profissionais de saúde que tinham contato com os pacientes internados. Esse protocolo também foi estendido aos estudantes e residentes da área da saúde e até mesmo aos familiares dos pacientes.

Esse protocolo apresentava informações sobre o cuidado com a higienização das mãos, sugestões de uso correto de EPIs, adequação de pias com sabão neutro

na porta do local, disponibilização de álcool espuma próximo à maca, bancada com luvas e outros materiais descartáveis na porta de cada quarto, além do controle de acesso de visitantes ao local. Tais recursos visavam, dentre outros, diminuir a circulação dos profissionais de saúde em ir buscar esses recursos em locais mais distantes, o que poderia contribuir com a disseminação do germe (MACEDO *et al.*, 2017).

Outro ponto presente no protocolo elaborado por Macedo *et al.* (2017), foi a criação de um setor que atendesse apenas os pacientes com GMR, evitando assim que esses pacientes dividissem o ambiente com outros doentes, o que poderia acarretar em adquirir outras infecções e/ou transmitir para os outros. Com essa estratégia, as pesquisadoras verificaram que houve melhorias no cuidado e na redução da transmissão do GMR. Segundo essas pesquisadoras, a adoção de protocolos é uma alternativa que pode fornecer embasamentos que contribuam para que o atendimento prestado seja mais organizado e que o cuidado seja padronizado, o que conseqüentemente contribui para que a assistência aos pacientes seja prestada com mais qualidade e segurança.

Mendes e Brasileiro (2017) também propuseram a elaboração de protocolos como meio para controlar a infecção hospitalar. Porém, ao contrário de Macedo *et al.* (2017), sua proposta deu mais ênfase à descontaminação de equipamentos hospitalares, pois segundo essas pesquisadoras, não basta apenas higienizar as mãos, é necessário, também, que todos os equipamentos estejam devidamente limpos, secos e higienizados.

No protocolo utilizado pelas pesquisadoras, além das normas gerais apresentadas pelas instituições nacionais de saúde, é necessário, segundo elas, reforçar as informações sobre a necessidade do uso individual de materiais e equipamentos em cada leito, realizar descontaminação com álcool 70% de todos os equipamentos hospitalares (os que não podem passar por esse procedimento, deve ser feita uma avaliação e é recomendado que seja colocada uma cobertura de plástico a qual se adapte ao equipamento e conseqüentemente possa ser higienizado com o álcool 70%) (MACEDO *et al.*, 2017).

Ainda, segundo esse protocolo, todos os profissionais de saúde devem seguir à risca as recomendações da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) quanto aos cuidados com os pacientes internados, que sejam feitas capacitações e treinamentos para esses profissionais (abordando as práticas de cuidado e

higienização), que os profissionais façam uso correto dos EPIs e que realizem limpeza e desinfecção constante de materiais e equipamentos (antes e após os procedimentos realizados) (MACEDO et al., 2017).

Percebe-se assim que, a importância do enfermeiro no controle e combate da infecção hospitalar é historicamente comprovado e por isso, a divulgação de pesquisas sobre a contribuição desse profissional nesse aspecto é necessário, bem como o conhecimento acerca da sua presença nas CCIH.

As CCIH foram constituídas em 1998 por meio da Portaria nº 2.616 e tem como principal objetivo contribuir para a prevenção e controle de IH. Essas comissões são formadas por diferentes profissionais, dentre eles o enfermeiro que por meio das suas competências teóricas e práticas são essenciais na construção de estratégias para o cumprimento dos objetivos dessa comissão (BRASIL, 1998).

É necessário, portanto, que sejam dada ênfase nos estudos e na divulgação das atividades da comissão, sua finalidade e importância enquanto perspectivas para agregar às ações de prevenção já existentes ou que possam ser desenvolvidas para auxiliarem na prevenção e no controle de IH. Nesse sentido, esses estudos poderão auxiliar os profissionais da área e os estudantes de enfermagem em formação sobre a necessidade em abandonar antigas práticas e resistência a mudanças e permanecer disponível em aprender mais.

Ressalta-se que essas necessidades sempre estiveram presentes nas discussões sobre saúde pública e nos últimos anos (2019-2020) tem ganhado amplo destaque devido o estado de alerta mundial provocado pela pandemia da Covid-19, como destaca Quadros (2020) ao enfatizar a necessidade do enfermeiro (apesar de todos os conhecimentos que já detêm) redobrar os cuidados nesse período para evitar a propagação da infecção e de ser infectado.

Além disso, o cuidado com a saúde bucal em idosos hospitalizados e com as IH provocadas por bactérias multirresistentes é outro ponto que requer maiores cuidados por parte da equipe de enfermagem.

No que se refere aos cuidados com as infecções bucais em idosos hospitalizados, Dias *et al.* (2021) chama a atenção para o fato desse tipo de IH desencadear graves problemas para a saúde e qualidade de vida da população idosa, isso porque a IH nessas pessoas pode influenciar no estado nutricional e no bem-estar dessas pessoas que, devido às limitações provocadas pela idade e saúde necessitam de cuidados mais redobrados para evitar que seu estado de saúde piore.

Já as infecções provocadas por bactérias multirresistentes merece destaque devido às altas taxas de morbimortalidade que ela provoca, além de ser um fator que contribui para o aumento das despesas hospitalares o que provoca sérios problemas econômicos e de saúde, pois são mais difíceis de serem controlados (SILVA, 2017).

Ressalta-se que dentre as diferentes bactérias multirresistentes que existem, no âmbito hospitalar as do tipo bacilos gram negativos são as mais prevalentes e as que têm os maiores índices de resistência aos antimicrobianos e por isso requer cuidado redobrado de todos os profissionais de saúde (SILVA, 2017).

Diante do exposto, verifica-se a importância da realização de intervenções educativas que visem a adoção da prática de higienização das mãos nos hospitais e demais espaços de saúde, bem como a adoção de diferentes tipos de protocolos de educação em saúde, pois são práticas que contribuem para a efetivação do cuidado da assistência que são prestados nesses ambientes, aumentam a segurança dos pacientes e auxiliam na redução dos gastos hospitalares. Porém, para que isso seja possível, o enfermeiro desempenha um papel importante, principalmente, ao fazer uso da sua atribuição enquanto profissional educador (TRANNIN *et al.*, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa da literatura teve como objetivo analisar na literatura científica as contribuições dos enfermeiros (as) para o controle da infecção hospitalar. Por meio do levantamento da literatura disponível foi constatado que os enfermeiros desempenham um papel imprescindível no processo de prevenção e controle de infecções, pois são os principais responsáveis por promover estratégias de educação em saúde, disseminação da técnica de higienização das mãos e de limpeza de equipamentos e em criar protocolos que podem ser usados nos hospitais

Porém, apenas os enfermeiros não são suficientes para que ocorra de fato o controle e prevenção da infecção hospitalar, torna-se necessário que haja um comprometimento de toda a equipe multiprofissional de saúde no que diz respeito a adoção das principais medidas de que auxiliam no combate desse mal.

Diante disso, recomenda-se que os enfermeiros, enquanto principal responsável por criar estratégias de educação em saúde, busque métodos e técnicas que possam incluir e motivar esses profissionais a adotarem as medidas necessárias para controlar e prevenir as infecções hospitalares.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, C. A. R. **Atuação da CCIH na prevenção da infecção hospitalar no Hospital de Guarnição da Vila Militar**. 2008. 45 f. Monografia (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) – Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2008.

ARAÚJO, Márcio Flávio Moura et al. Dificuldades dos profissionais da saúde no controle de infecções hospitalares. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 4, n. 2, 2010.

ALCÂNTARA, Leticia Cataldi de et al. Contribuição de treinamentos simulados para o aprendizado e a prevenção de infecções relacionados a assistência à saúde. 2016.

BRASIL. **Portaria nº 2616/MS/GM, de 12 de maio de 1998**. Dispõe sobre o Programa de Controle de Infecção Hospitalar. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 mai 1998. Disponível em: Acesso em: 05 jul. 2021.

DIAS, Wilton Jerônimo et al. A importância da saúde bucal em idosos hospitalizados: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 6, p. e7618-e7618, 2021.

GIL, Adriana Costa et al. Avaliação microbiológica de superfícies em terapia intensiva: reflexões sobre as estratégias preventivas de infecções nosocomiais. **Revista Enfermagem Uerj**, v. 26, 2018.

LLAPA-RODRÍGUEZ, Eliana Ofelia et al. Aderência de profissionais de saúde à higienização das mãos. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 12, n. 6, 2018.

MACEDO, Andréia Barcellos Teixeira et al. Unidade para Portadores de Germes Multirresistentes: elaboração de um protocolo de atendimento de pacientes. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 83, n. 21, 2017.

MENDES, Juliana Ribeiro; BRASILEIRO, Marislei de Sousa Espíndula. Proposta de protocolo para descontaminação de equipamentos em unidade de terapia intensiva. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 7, 2017.

OLIVEIRA, Adriana Cristina; SILVA, Marlene das Dores Medeiros. Jalecos de trabalhadores de saúde: um potencial reservatório de microrganismos. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 48, n. 5, 2015.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de et al. Adesão à higienização das mãos entre técnicos de enfermagem em um hospital universitário. **Revista de Enfermagem da UERJ**, p. e9945-e9945, 2016.

PADOVEZE, M. C.; FORTALEZA, C. M. C. B. Healthcare-associated infections: challenges to public health in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 6, 2014.

QUADROS, Alexander et al. Desafios da Enfermagem Brasileira no Combate da COVID-19: uma reflexão. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1. ESP, 2020.

RIBEIRO, Luciana Melo. **Conhecimento do enfermeiro sobre as ações de vigilância epidemiológica no Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal, RN.** 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ROCHA, Maristela Yoshie Yamaji Okagawa et al. Conhecimento de enfermeiros de hospital universitário sobre bactérias multirresistentes. **Revista Rene**, v. 20, 2019.

SKOWRONSKI, Marcelo. **Do programa Agita São Paulo ao programa Academia da Saúde: programas públicos envolvendo práticas corporais/atividade para promoção da saúde.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação Física, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, dez., 2014.

SILVA, Érica Duarte. **Incidência de Acinetobacter baumannii, klebsiella pneumoniae e Pseudomonas aeruginosa, em amostras clínicas de pacientes atendidos em um Hospital Universitário.** 2017. 28 f. Monografia (Programa de Aprimoramento Profissional/CRH/SES-SP e FUNDAP) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Bruna Rocha da et al. Monitoramento da adesão à higiene das mãos em uma unidade de terapia intensiva. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 26, 2018.

TRANNIN, Karen Patricia Pena et al. Adesão à higiene das mãos: intervenção e avaliação. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 2, 2016.